

## INFLAÇÃO

**Análise** Energia lidera aumentos, mas subida dos preços vai muito além dos combustíveis. Famílias com menores rendimentos sentem maior impacto

# Os preços que mais sobem em Portugal

Textos **SÓNIA M. LOURENÇO**

**S**e lhe dissermos que a inflação tem vindo a acelerar em Portugal, seguindo a tendência europeia e internacional, não será surpresa. E que os produtos energéticos são um dos fatores que mais tem puxado os preços em alta, também não. Mas sabia que entre os bens e serviços com maiores aumentos de preço no último ano se contam óleos e gorduras alimentares, férias organizadas, jornais, e mobiliário? É isso que indicamos os dados do Instituto Nacional de Estatística.

Em janeiro, a taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor (IPC) atingiu 3,3%, o valor mais elevado desde 2012. É a inflação "deve manter-se pressionada em alta durante o primeiro semestre de 2022, atingindo próximo de 4%. Todavia, esperamos na segunda parte do ano uma aproximação aos 2%", antecipa Paula Carvalho, economista-chefe do BPI. Rui Constantino, economista-chefe do Santander em Portugal, aponta no mesmo sentido: "Os preços deverão atingir um máximo durante o primeiro semestre, para depois desacelerarem, embora muito dependente da evolução dos preços da energia, que na Europa é ainda a principal determinante da evolução da inflação." Mas a tensão na Ucrânia "pode trazer novas pressões inflacionistas ao nível da energia", alerta Pedro Brinca, economista e professor da Nova SBE.

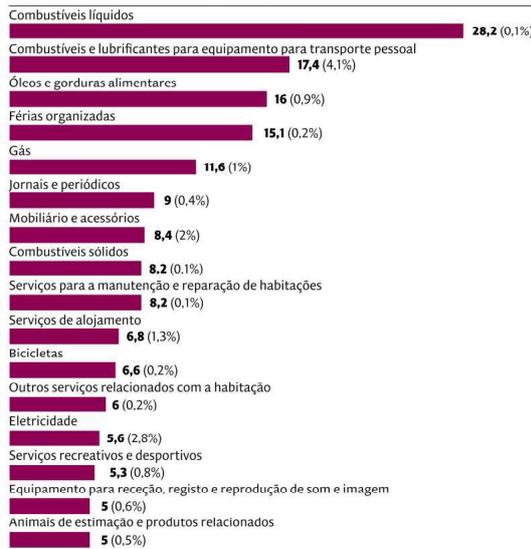
Os produtos energéticos lideraram em janeiro a subida homóloga dos preços no consumidor em Portugal (ver gráfico). É "devido à importância da energia como fator produtivo, é de esperar que esses aumentos de preço acabem por migrar para as demais categorias de bens e serviços de consumo", salienta João Borges de Assunção, economista e professor da Católica-Lisbon. "Temos um impacto claro dos preços da energia (combustíveis e eletricidade), depois com repercussões sobre a alimentação (em especial bens processados)", aponta Rui Constantino. É o caso, por exemplo, dos óleos e gorduras alimentares (ver texto ao lado). Mas mesmo neste contexto também há quedas de preço, com destaque para os meios ou suportes de gravação: discos, CD, cassetes e afins recuaram 10,2%.

## Impacto no bem-estar

Entre as áreas com subidas de preço acima do índice global contam-se habitação, água, eletricidade, gás e outros combustíveis (4,5%) e os transportes (6,2%). Representam 9,6% e 15,1, respetivamente, no cabaz de consumo médio e "são tipicamente bens de procura mais rígida, em que as famílias têm menor capacidade de substituição, levando a impactos maiores no bem-estar", vin-

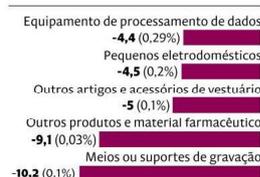
## MAIORES SUBIDAS DE PREÇOS

Taxa de variação homóloga do IPC por consumo individual por objetivo, em janeiro de 2022, e peso no cabaz de consumo, em percentagem (entre parênteses)



## OS PREÇOS QUE MAIS DESCEM EM PORTUGAL

Variação homóloga do IPC por consumo individual por objetivo e peso no cabaz de consumo, em %\*



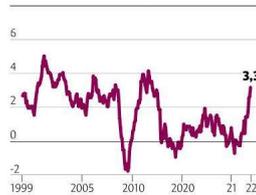
\*Em janeiro de 2022

FONTE: INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E CÁLCULOS EXPRESSO

ca Pedro Brinca. Ao mesmo tempo, "as famílias com rendimentos mais baixos estão mais expostas a aumentos de preço de bens essenciais", diz, apontando que o aumento de 3,7% dos produtos alimentares e bebidas não-alcólicas (representam 22% do cabaz de consumo médio) será muito mais sentido pelas famílias de baixos rendimentos, onde o seu peso é comparativamente maior no total dos gastos. Paula Carvalho concorda: "Esta aceleração dos preços deverá ter maior impacto nas famílias com menores rendimentos e que alocam uma parte mais significativa do seu rendimento a bens essenciais e de consumo corrente." Mas para Rui Constantino "o impacto é trans-

## INFLAÇÃO NO VALOR MAIS ALTO DESDE 2012

Taxa de variação homóloga do Índice de Preços no Consumidor, em percentagem



versal, dado que alimentação, energia e combustíveis afetam todas as famílias".

Já João Borges de Assunção considera que "as perdas de rendimento disponível em termos reais decorrentes da inflação são ainda pequenas quando comparadas com as perdas de rendimento disponível por parte dos trabalhadores prejudicados pela pandemia, confinamentos e isolamentos. Esta é, por enquanto, a principal assimetria de rendimento da corrente crise".

Com CONCEIÇÃO ANTUNES, DIOGO CAVALHEIRO, HELDER C. MARTINS, MARGARIDA CARDOSO, MIGUEL PRADO e PEDRO LIMA

slourenco@expresso.imprensa.pt

## COMBUSTÍVEIS, ÓLEOS ALIMENTARES

Várias categorias de bens e serviços registam subidas expressivas de preços entre janeiro de 2021 e o mesmo mês deste ano, indicam os dados detalhados do Instituto Nacional de Estatística, analisados pelo Expresso. Os aumentos vão muito além dos combustíveis

### COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES A ditadura do petróleo

**17,4%**

Na energia, os combustíveis líquidos apresentavam em janeiro uma subida de preços de 28,2% em termos homólogos, os combustíveis para transporte pessoal registavam uma inflação de 17,4% e o gás (incluindo gás natural, butano e propano) subiu 11,6%. Aumentos que podem ser explicados principalmente pela subida da cotação do petróleo: o Brent (referência na Europa) disparou de cerca de 52 dólares por barril no início de janeiro de 2021 para 82 dólares por barril no princípio de janeiro de 2022 (tendo já ultrapassado os 96 dólares esta semana). O preço do gás, que tende a acompanhar a dinâmica do petróleo, também aumentou substancialmente, com o contrato TTF (Title Transfer Facility, uma das referências no mercado europeu) a saltar de cerca de €18 por megawatt hora (MWh) para mais de €80 por MWh no espaço de um ano.

Quanto à eletricidade, o aumento de preços no consumidor reflete o disparo do preço grossista da energia no mercado ibérico (de um custo médio de €61 por MWh em janeiro de 2021 para €202 por MWh em janeiro de 2022). O aumento no mercado grossista (cujo preço mais do que triplicou no espaço de um ano) só não foi maior nos preços pagos pelas famílias portuguesas devido ao efeito mitigador associado ao elevado peso dos custos fixos do sistema elétrico português (por via da produção de regime especial, com tarifas garantidas, e de outros custos regulados, como os do transporte e distribuição de eletricidade). O agravamento do preço grossista no mercado ibérico foi fortemente influenciado pela subida já referida do custo do gás natural, puxando (sobretudo no segundo semestre de 2021) pelo custo operacional das centrais de ciclo combinado (alimentadas a gás), que nos últimos meses têm sido mais utilizadas para fazer face a um quadro de menor disponibilidade hídrica.

### ÓLEOS E GORDURAS ALIMENTARES Custo da energia complica

**16%**

Deolinda Silva, diretora-executiva da Portugal Foods, atribui a subida dos preços a três fatores principais: o peso do custo da energia num setor em que processo de refinação e filtração consome muita eletricidade e gás, os aumentos dos preços das embalagens, do plástico ao cartão e ao vidro, e as novas tendências alimentares, que "puxam pela procura de proteínas vegetais, como soja, colza ou amendoim, que são matérias-primas neste sector". Acresce que "a própria alimentação animal, até pela seca, recorre mais a rações, o que também aumentou o consumo destas matérias-primas", comenta sem prever a interrupção da espiral inflacionista antes do meio do ano. Há ainda fatores transversais, do aumento dos custos de produção, fertilizantes, energia e embalagens aos atrasos e subida dos fretes no transporte marítimo e ao desequilíbrio

geral nas cadeias de produção, que dificultam o cumprimento de prazos.

### FÉRIAS ORGANIZADAS Comparação com auge da pandemia dita aumento

**15,1%**

A subida é expressiva, mas para os operadores turísticos trata-se de um efeito de comparação com igual mês do ano passado, em que as viagens estavam praticamente paradas. "Quando não se vendeu nada, numa altura em que estávamos na loucura de ter ambulâncias em fila à porta dos hospitais, é fácil que os aumentos possam atingir valores até mesmo de 50%", nota Nuno Mateus, diretor-geral do operador Solférias, lembrando que "janeiro é habitualmente dos meses mais fracos, após uma grande incidência de vendas em dezembro, é uma espécie de 'ressaca' do Natal e do fim de ano". Para a época alta de 2022, em particular o verão, os operadores turísticos não vão subir os preços das férias organizadas, mesmo com o agravamento do combustível. "Os preços dos pacotes já foram calculados, e não há indicação de aumento", garante Nuno Mateus. O que se prevê para este verão é "uma procura mais alta, agora que os países começam a estabilizar as restrições, mas é preciso ver que trabalhamos com 50 destinos, e ainda só estamos a vender uma dúzia", salienta o CEO da Solférias, frisando que "não há o elevado peso dos custos fixos do sistema elétrico português (por via da produção de regime especial, com tarifas garantidas, e de outros custos regulados, como os do transporte e distribuição de eletricidade). O agravamento do preço grossista no mercado ibérico foi fortemente influenciado pela subida já referida do custo do gás natural, puxando (sobretudo no segundo semestre de 2021) pelo custo operacional das centrais de ciclo combinado (alimentadas a gás), que nos últimos meses têm sido mais utilizadas para fazer face a um quadro de menor disponibilidade hídrica."

### JORNALS E PERIÓDICOS Custo do papel dispara

**9%**

No final do ano passado, os jornais e revistas de âmbito nacional anunciaram aumentos dos preços das suas edições impressas devido à subida do preço do papel e dos custos de produção, em especial os de transporte e de energia. João Palmeiro, presidente da Associação Portuguesa de Imprensa (API), diz que este aumento é apenas a "ponta do icebergue" dos problemas do setor. "Desde outubro/novembro até agora, os preços do papel para jornais aumentaram entre 50% a 60% e os das revistas entre 40% a 50%", afirma. "O que estamos a ver é um fim de ciclo em que houve muito armazenamento de papel devido ao menor consumo e em que não houve praticamente aumento de preços. Com a reconversão das fábricas para outros tipos de papel, nomeadamente o de embrulho e o cartão para responder às encomendas de comércio eletrónico, há menos produção para jornais e revistas. Estamos a entrar numa fase em que vamos ver agora o resultado dessa transformação", afirma, admitindo que as empresas de média poderão reduzir o número de páginas das publicações de forma a absorver eventuais aumentos de custos.

### MOBILIÁRIO E ACESSÓRIOS Preços vão continuar em alta

**8,4%**

Se o INE diz que os preços no mobiliário e acessórios subiram

# NTARES, FÉRIAS, JORNAIS, MOBILIÁRIO E REPARAÇÃO DE CASAS TÊM OS MAIORES AUMENTOS



FOTO HORÁCIO VILLALOBOS/CORBIS/GETTY IMAGES

A inflação em Portugal atingiu em janeiro deste ano o valor mais alto desde 2012

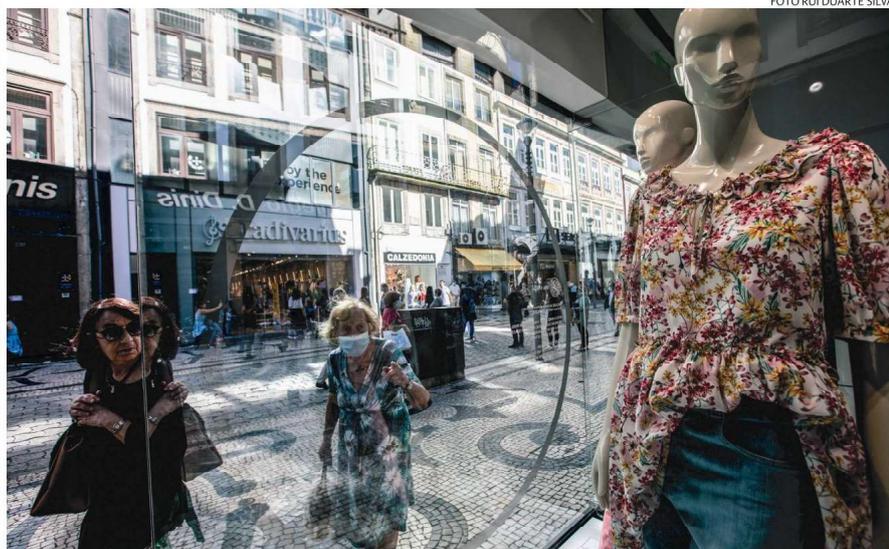


FOTO RUI DUARTE SILVA

8,4% entre janeiro de 2021 e o mesmo mês de 2022. Gualter Morgado, diretor-executivo da APIMA — Associação Portuguesa das Indústrias de Mobiliário e Afins, arrisca dizer que “a percentagem é baixa face à realidade que o sector enfrenta, desde os custos de energia a triplicarem aos custos do transporte marítimo que se sextuplicaram”. “Basta pensar que os preços do metal, das ferragens e da madeira triplicaram para termos uma ideia do esforço imenso que as empresas estão a fazer para tentar absorver o maior impacto da subida”, diz o dirigente executivo, sublinhando que “o sector que mais madeira consome é a construção, e por todo o lado há planos para puxar pela economia como o PRR, com uma aposta forte em grandes obras e infraestruturas que consomem muita madeira”. Destaca, ainda, o facto de “termos cada vez mais investidores a olhar para as matérias-primas como um investimento, no mercado de futuros, o que prolonga o efeito

da subida atual” e deixa no ar a certeza de que “os preços vão continuar em alta” num sector que fechou as exportações, em 2021, nos €1,8 mil milhões, 3% abaixo de 2019.

**SERVIÇOS PARA A MANUTENÇÃO E REPARAÇÃO DE HABITAÇÕES Falta mão de obra especializada**

**8,2%**  
A subida dos preços “é um reflexo do aumento de preços dos materiais e da mão de obra. A mão de obra especializada é escassa e, portanto, cada vez mais cara. Situação que se vai continuar a fazer sentir a curto e médio prazo”, diz José de Matos, secretário-geral da Associação Portuguesa dos Comerciantes de Materiais de Construção (APMC). Sobre o custo dos materiais, José de Matos nota que aqueles mais relacionados com a energia (cerâmicas, cimentos, alumínio) deverão continuar sob pressão pelo menos até meados do ano. Já as matérias-primas (como aço

e cobre, entre outros) poderão estar a estabilizar a escalada registada em mais de 12 meses e poderão, a curto prazo, estabilizar ou mesmo inflar a tendência. “A alta dos preços dos materiais já está a diminuir de intensidade, só os relacionados com a energia e os equipamentos é que ainda deverão subir até meados do ano”, afirma. Já “os custos com a mão de obra não vão estabilizar, deverão ser agravados pela previsível pressão do PRR a partir do final do ano”. O INE contabiliza ainda uma subida de 6% nos preços de outros serviços relacionados com a habitação. José de Matos salienta que, “se a mão de obra é escassa, os preços tendem a subir, ainda por cima parecemos estar numa situação de tensão inflacionista, o que acaba por se refletir nos salários”. E isto “num momento em que existe pressão nos preços dos materiais”, lembra, afirmando que “transversal aos preços dos serviços é também a pressão do aumento da energia, em particular dos combustíveis”.

**SERVIÇOS DE ALOJAMENTO Para os hotéis é o “efeito da inflação”**

**6,8%**  
Esta subida de preços não tem a ver com “valorização do produto devido a uma demanda mais forte, é um mero efeito da inflação — e não é um problema só nosso, mas de todo o mundo ocidental: em Espanha, que é aqui ao lado, é muito superior”, frisa Cristina Siza Vieira, vice-presidente da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP). A responsável da AHP vê com apreensão “os custos de produção a subir, da energia, das matérias-primas ou da distribuição, tudo está mais caro, a inflação é generalizada”, e frisa que “o que se está a passar com a energia é gravíssimo, a questão da seca é preocupante, e não se antevê solução rápida”. “A inflação veio para ficar, estamos com a economia a ‘inchar’ por força disso, o que faz necessariamente, por si só, subir o índice de preços”, destaca Cristina Siza Vieira, lembrando que nos períodos em que os

hotéis estiveram abertos durante a pandemia “não houve sacrifício de preços para o consumidor”. A boa notícia é que no verão de 2022 se prevê uma procura alta nas viagens para Portugal, e “com um bom índice de poupança no mundo por força da reclusão das pessoas”, o que poderá dar lugar a alguns “ajustes de preços”, neste caso associados ao efeito benéfico da valorização do produto. “É a lei da oferta e da procura a funcionar: se há mais procura, há lugar a subidas de preços”, nota a responsável da AHP.

**BICICLETAS Matérias-primas pesam nos custos**

**6,6%**  
A subida de preços das bicicletas e triciclos num ano, indicada pelo INE, não surpreende a associação sectorial ABIMOTA, atenta “à forma como as matérias-primas dispararam, a par dos custos da energia e de transporte e da escassez de componentes como kits de mudança, num momento em que a procura também aumenta”. A Rodi, a maior fábrica de rodas da Europa, destaca que a cotação oficial do alumínio subiu 38% num ano, mas o *billet premium*, a taxa cobrada pelas extrusoras desta matéria-prima, deu um salto de 400%, a refletir o défice da oferta face à procura. “Num sector com forte dependência dos produtores asiáticos, o frete marítimo passou de 2 mil para 15 mil dólares”, sublinha Duarte Bernardo, diretor comercial da empresa, considerando que o cenário atual é “de tempestade perfeita” e o quadro vai continuar nos próximos meses. Admite, no entanto, que, depois do aumento de 39% nas exportações em 2021, a indústria portuguesa de duas rodas continuará a crescer, a refletir o desenvolvimento das políticas de mobilidade suave e ecológica.

**SERVIÇOS RECREATIVOS E DESPORTIVOS Vacinação onera desporto**

**5,3%**  
Ir ao ginásio ou andar a cavalo ficou mais caro no último ano,

Os preços do amplo segmento de serviços recreativos e desportivos registaram um agravamento e, para José Carlos Reis, que preside à Portugal Ativo — Associação de Clubes de Fitness e Saúde, há duas grandes explicações. Em primeiro lugar, os espaços para o desporto. Já havia um problema de disponibilização dos pavilhões — poucos para a prática atual —, que foi agravada pela pandemia. “A maior parte dos municípios decidiu pôr os pavilhões desportivos como lugares de vacinação. Muitas vezes tivemos de recorrer a outras instalações, o que onera muito os preços”, explica o responsável, que é também diretor técnico e operacional das modalidades do Sporting Clube de Portugal. A segunda razão, na sua ótica, é o agravamento de custos devido à pandemia, desde as máscaras à testagem. Nos ginásios até teve de haver dispositivos para assinalar a ocupação. E o futuro não deverá ser risonho. Semanalmente, há indicações de fecho de espaços de fitness, e há agora o problema das matérias-primas que também afeta os centros. “É sair de uma crise sanitária para uma crise económica”, diz. “É normal” que os preços continuem a subir, admite.

**EQUIPAMENTO PARA RECEÇÃO, REGISTO E REPRODUÇÃO DE SOM E IMAGEM**

**Pandemia aumenta consumo**

**5%**  
As razões que explicam a subida de preço remetem, mais uma vez, para o aumento dos custos de transporte, matérias-primas e escassez de componentes eletrónicos, como *chips*. Mas há mais: “Estamos a falar de equipamentos em que as pessoas investiram para a casa durante a pandemia e em que também pesa a falta de stocks. O que foi ficando foi obviamente o artigo mais caro, o que só por si faz subir o preço de venda”, explica Rui Reis, especialista em tecnologia da empresa de estudos de mercado GfK, sem esquecer outro “fator de peso no caso das televisões, que é a evolução tecnológica”. “Neste momento, a nível de resolução de imagem já estamos nos 8K, apesar de ainda não haver muitos conteúdos disponíveis”, acrescenta.

**ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E PRODUTOS RELACIONADOS Alimentação agrava preços**

**5%**  
Não são cães, gatos e afins que estão mais caros, mas sim a sua alimentação, explica ao Expresso André Jordão, fundador e presidente da Barkyn, uma startup portuguesa dedicada à nutrição e saúde canina. “A alimentação representa cerca de 80% dos gastos” com um animal de estimação, afirma. E “é precisamente nesta parcela que os preços têm subido e devem continuar a subir”, salienta André Jordão. A explicação está “na subida de custos dos ingredientes para a produção”, adianta. Uma evolução associada ao aumento dos custos de transporte e a uma maior escassez de alguns ingredientes. O resultado está à vista: “O custo da alimentação para animais de estimação subiu, sobretudo no segmento *premium*, que usa ingredientes mais diferenciados e menos acessíveis, logo mais dependentes dos transportes para abastecimento”, remata o empresário.